O nome de Deus no livro de Ester

O Livro de Ester é uma das mais belas obras vétero-testamentárias que constam hoje no cânon sagrado das Escrituras. Os estudiosos ainda discutem a época de sua produção – período persa (538–333 aC)[1] ou período dos Macabeus (168–165 aC)[2] – bem como a historicidade ou não dos fatos ali narrados[3].

Percebe-se também que muitos eruditos (judeus e cristãos) hesitam em acreditar prontamente num sentido mais "profundo" para a narrativa, além da mera intenção de se justificar historicamente a origem de uma festa religiosa. Para estes, a história de Ester define-se num belo – porém simples – romance judeu sem qualquer intencionalidade teológica da parte de seu autor. Uma narrativa secular, portanto[4]. Desta conclusão, qualquer atribuição religiosa ou litúrgica que se tenha

1. GUNKEL, Hermann. *Esther,* J.C.B. Mohr, Tübingen, 1916. A.W. STREANE, *Esther,* in "Cambridge Bible", Cambridge University Press, Cambridge, 1907. GALLAZZI, Sandro. *Ester: A Mulher que enfrentou o palácio,* co-edição Vozes, Imprensa Metodista e Sinodal, Petrópolis, 1987.

2. Muitos estudiosos seguem a linha de Spinoza ao estabelecer o livro como uma alegoria da revolta dos Macabeus. PFEIDER, R.H. *Introduction to the Old Testament.* Harper & Bros., Nova Iorque, 1941, 740–742. DOMMERSHAUSEN, W. *Die Estherrolle.* Stuttgart, 1968, 5-10.

3. Entre os que aceitam a historicidade da narração temos: HOSCHANDER, Jacob. *The Book of Esther in the Light of History.* Dropsie College for Hebrew and Cognate Learning, Philadelphia, 1923. OLMSTEAD, A.T. *History of Palestine and Syria to the Macedonian Conquest.* Charles Scribner's Sons, Nova Iorque, 1931. GERLEMAN, Gillis. *Esther*, in: "Biblischer Kommentar: Altes Testament", Neukirchener Verlag, Neukirchen-Yluyn, 1982. Dos que negam a historicidade de Ester temos: UNGNAD, A. Keilinschriftliche Beiträge zum Buch Esra und Ester, in: *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* LVIII (1940-41) 240-244, ainda no mesmo periódico LIX (1942-1943) 219. Gunkel e Paton, embora creiam ser plausível a produção do livro no período persa, negam que o relato tenha uma pretensão histórica. GUNKEL, Hermann, *op. cit.,* 5-13 e PATON, L.B. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Esther,* in: "International Critical Commentary", Charles Scribner's Sons, Nova Iorque, 1908.

4. O Talmud Megillá 7a declara que o livro de Ester fora escrito em "espírito sagrado" (*ruah qados*). No entanto, profundos eruditos do AT parecem discordar disto. Sellin e Fohrer dizem: "Ao mesmo tempo em que o livro contém uma narrativa palpitante e caracteriza seus personagens principais em perfeição artística, seu valor teológico é posto em dúvida... o livro constitui mais uma obra secular do que Escritura Sagrada". SELLIN, E. e FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1978, vol. I, 363. Lutero, Carlstadt, Zwinglio e Calvino aceitaram-no no cânon mas numa categoria de valor inferior a outros livros.

dado ao livro pode tratar-se de um *a posteriori* não incluído necessariamente nos planos originais de seu escritor.

Toda essa resistência ainda moderna contra o livro, desde sua depreciação até à rejeição total, parece ter sido motivada por uma antiga problemática dos judeus que é a "aparente" ausência do nome de Javé no relato. A obra parece estar destituída de qualquer referência direta à pessoa de Deus[5]. Tais características quase custaram sua posição no cânon do Antigo Testamento.

ESTER E O CÂNON HEBRAICO

Apesar de ser uma "leitura litúrgica" da festa do Purim, a aceitação de Ester no cânon judeu foi um processo de discussão muito longo[6]. No sínodo rabínico de Jâmnia no ano 90 dC,[7] o Rabi Akiba empreendeu considerável defesa à importância canônica de Ester e os demais livros então questionados pela escola de Shammai[8]. Porém, ainda no III século dC encontramos o Rabi Samuel questionando a canonicidade de Ester, quando afirma que tal livro "não mancha as mãos", isto é, não é escrito santo (Talmud Megillá 7a e Mishná Yadaim III, 5).

Os dois motivos para a rejeição do livro eram: primeiro, porque este acrescentava ao calendário judeu uma nova festa não citada na Lei de Moisés (Lv 27,24). Segundo, conforme aludimos acima, o livro não continha o Nome Sagrado de Deus, a Saber, o tetragrama YHWH.

Os defensores de Ester respondiam às críticas, apelando para uma pretensa tradição que relatava o encontro de 85 anciãos do povo, entre os quais pelo menos 30 ou 40 eram profetas que, influenciados pelo Espírito de Javé, encontraram as necessárias evidências escriturísticas a favor do livro. Os ditos profetas chegariam a afirmar que o livro de Ester fora revelado a Moisés no Sinai, mas só foi escrito no tempo dos persas (Talmud Megillá 70b)[9]. E quando se perguntava: "onde está o livro de Ester na Torah?" – a resposta imediata da tradição apontava para Dt 31,18 (Talmud Rullim 139b): "... e eu certamente esconderia minha face ...". Sua associação partia da semelhança entre o verbo "esconder" (*Haster*)[10] e o nome Ester (*'Ester*), que diziam já estar, deste modo, profetizado na Lei. É evidente que a Hermenêutica moderna não aceitaria tal exegese. Contudo, há nesta simplória interpretação a origem de uma curiosidade teológica deveras interessante. Eruditos judeus posteriores, crendo que tal passagem responderia também à questão da aparente ausência do nome de Javé no texto, estabeleceram outra relação entre as palavras "face" (*panim*) e o "nome" (*Xem*)[11]. Desta feita, a palavra profética de Moisés diria

5. A única referência a Deus se encontra no cap. 4,14 e mesmo assim de modo indireto e circunloquial. SELLIN e FOHRER, *Ibidem.*

6. BENTZEN, A. *Introduction to the Old Testament,* G.E.C. Gad Publisher, Copenhage, 1959, 39 e 40.

7. HORN, Siegfried H. *The Languages, Manuscripts, and canon of the O. T.* in: SDABC. Review and Herald, Washington D.C., 1978, vol. I, 43. ANGUS, Joseph. *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia.* Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1951, vol. I, 15.

8. Cântico dos Cânticos, Eclesiastes e Provérbios.

9. BENTZEN, *op. cit.,* 39.

10. *Haster,* ind. inf. abst. de *str.* DAVIDSON, Benjamin. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lextion*, Samuel Bagster and Sons LTD, Londres, 1876, 205.

11. VON RAD associa a pergunta de Jacó – "qual é o teu nome?" – com a experiência de Penuel – Face de Deus. VON RAD, Gerhard, *Teologia do Antigo Testamento,* ASTE, São Paulo, 1973, vol. I, 186-192.

que o Nome de Deus estaria "oculto", "escondido" no, já associado, livro de Ester. Mas onde? A resposta apareceria (ou reapareceria?) na Masorah[12], que dedicaria uma nota a este respeito. Ocorreu que, em sua extremada valorização das letras hebraicas[13], os massoretas acabaram encontrando o que poderia ser a chave ao mistério do nome de Deus oculto em Ester. Há hoje pelo menos três manuscritos massoréticos[14] que chamam a atenção para este fato, destacando no texto hebraico de Ester quatro acrósticos[15] inspirados no tetragrama sagrado (*yhwh*).

OS QUATRO ACRÓSTICOS

Os quatro acrósticos inspirados no nome de Javé nunca repetem sua estrutura. O primeiro e o segundo partem das letras iniciais de cada palavra de modo que um aparece na sua forma correta, enquanto o outro de forma invertida. Já o terceiro e o quarto, por sua vez, seguirão o mesmo processo de ordem correta e inversa, só que partindo das letras finais. O nome Javé, não importando a ordem das letras, aparecerá sempre de modo consecutivo e, com exceção do primeiro acróstico, todos constituem sentenças de sentido completo. Estas sentenças são declarações feitas por sujeitos específicos na narrativa; a primeira por Mamucã, a segunda por Ester, a terceira por Amã e a quarta pelo autor inspirado. Eis a seguir os quatro acrósticos com uma breve alusão ao contexto imediato em que aparecem:

1º Acróstico: 1,20

Yitt^{e}nû Hannâshîm V^{e}kâl Hî'

"... e todas as esposas darão (respeito)..."

Esta é uma parte do discurso de Mamucã (1,16-20), cujo tema era o veredicto judicial dos sábios sobre a rainha Vasti (1,13 e 14).

2º Acróstico: 5,4

Hayyôm V^{e}hâmân Hammelek Yâbô'

"...que venha o rei e Amã, hoje"

Aqui é a rainha Ester que fala convidando Assuero e Amã para um banquete no qual pretende-se desmascarar os maus desígnios do perverso.

12. Massorah – texto produzido pelos massoretas (500-1100 dC) a partir de cópias dos livros hebraicos. Sua função era conservar fidedignamente os textos sagrados. Alguns textos massoréticos costumavam ter breves anotações nas margens laterais e centrais das duas colunas de texto sagrado.

13. Para os Massoretas até mesmo as letras isoladas representavam símbolos sagrados.

14. Estes 3 textos fazem parte dos 14 manuscritos encontrados em Leningrado por Kahle e preservados na segunda coleção Firkovitch. Eles são datados entre 929 e 1121 dC. Todos com texto de Aaron Ben Moseh ben Asher. CHAMPLIN, R.N. e BENTES, J.M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, Candeia, Rio de Janeiro, 1991, vol. 4, 65. Para uma completa bibliografia sobre os textos massoréticos vide SELLIN e FOHRER, *op. cit.*, 803.

15. Acróstico é uma composição poética na qual o conjunto das letras iniciais (e por vezes as médias e finais) dos versos compõe verticalmente uma palavra ou frase.

3º Acróstico: 5,13

l^{e}Y shoveH 'êynennV zeH

"...nada disto me satisfaz..."

No princípio da narrativa vemos Vasti cometendo o erro de recusar-se a comparecer ao banquete de Assuero. Aqui temos Amã aceitando de mau grado o convite apenas por uma conveniência política. O prosseguimento do verso revela o desígnio de seu coração de destruir os judeus (5,14).

4º Acróstico: 7,7

hârâ'âH 'êlâyV kâl^{e}thâH kY

"...pois o mal já estava determinado contra ele..."

Em meio ao banquete revela-se o caráter de Amã. Este roga por sua vida, não por um arrependimento genuíno, mas pelo temor ante as conseqüências de seus maus atos.

O JUÍZO DE JAVÉ

A idéia de um juízo divino permeia, como um fio de ligação, os quatro acrósticos. É evidente que a forma oculta do nome de Deus pode também sugerir um silente juiz que tudo perscruta, esperando o momento certo de agir judicialmente. Ele age ocultamente atrás de ações humanas que se tornam, assim, tipos do grande antítipo escatológico, seu juízo último.

Dois aspectos nos revelam esta idéia de juízo:

1º A estrutura dos acrósticos: quando relacionamos os quatro, percebemos um quiasmo motivado por uma temática judicatória[16]:

(A) *Juízo sobre a rainha Vasti* (1,20)

(B) *O desígnio de Ester* (5,5)

(B') *O desígnio de Amã* (5,13)

(A') *Juízo de Amã* (7,7)

2º A temática do banquete: Na literatura apocalíptica a figura de um banquete será um dos principais símbolos do julgamento divino sobre os homens[17]. Também o NT usará fartamente este quadro (Mt 22,1-14; Lc 14,17-24; 22,17 e 18; Ap 19,9-18).

16. DI MARCO, Angelico. *Il Chiasmo nella Bibbia,* Torino: Marietti Editori, 1980, 99 e 100.

17. CHAMPLIN, *op. cit.*, vol. I, 227.

A TEOLOGIA DE ESTER

A prudência exegética não permite, ao estudioso das Escrituras, excessivo entusiasmo sobre palavras ou letras isoladas de seu contexto. Tal exercício logrará, quando muito, a descoberta de uma mera curiosidade artística sem nenhum mérito teológico. Ou, na pior das hipóteses, levará o leitor a conclusões absurdas como as dos exegetas cabalistas. Isto sem contar a bibliolatria sugerida em tais buscas. Não obstante, a descoberta destes acrósticos, anunciada pelos massoretas, não se identifica ao nosso ver com os erros de uma mentalidade cabalística. Em primeira instância, o uso de acrósticos é um recurso lingüístico visto em vários livros do Antigo Testamento, em especial os Salmos[18]. Além disso não nos consta que a Cabala dava a devida importância a formas acrósticas; suas charadas morfológicas se baseavam na *gematria* (valorização numérica das letras), no *temurah* (simbologia das letras) e no *notarikon* (letras sugerindo palavras).

Mas, prossegue-se a questão: pode-se tirar uma teologia do livro de Ester? De antemão, respondemos que sim. Se Ester fosse escrito apenas para justificar um festim, narrar um romance ou ainda relatar um triunfo político dos judeus – como pretendem muitos comentaristas – de fato, o texto não passaria de um relato vazio de conteúdo testemunhal. E ainda que se levassem em conta os acréscimos gregos que contêm um aspecto religioso, o livro, deste modo, não seria mais do que uma teodicéia. O testemunho, para ser profético, tem de ser sempre sobre a ação de Deus na história. E é justamente esta última a característica principal do livro de Ester evidenciada pelos quatro acrósticos. Assim como os nomes se acham "ocultos" na história que o livro nos conta, Javé também se acha "oculto" trabalhando sigilosamente nos eventos do mundo. Noutras palavras, Ester nos declara que os intrigantes e complexos movimentos da história formam a trama e a urdidura de um pano que Javé, em sua providência, está tecendo. Toda ação faz parte de um plano profético que aponta para o juízo, no qual a atividade agora oculta de Javé será trazida a lume. E ele vindicará completamente seu povo oprimido, embora já o faça em pequenas ações judicativas vistas na história deste mundo – o fim de Amã é um exemplo disto.

Desde a eleição de uma nova rainha, até o desmascaramento do ímpio Amã, o que aparentemente é atividade de homens, em Ester revela-se atividade de Deus.

CONCLUSÃO

O papel do teólogo biblista, concernente aos fatos que interpreta, deve ser "voltar lá"[19], quebrar o lapso temporal entre ele e a testemunha e compreender, como diria Mesters, o que está "por detrás das palavras". Vencer o lapso do tempo não significa, por um lado, desconsiderar os aspectos históricos ou literários da narrativa, mas sim, transpor o nível da investigação meramente histórica para o nível

18. Veja por exemplo o Salmo 119. As linhas ou versos começam com as letras do alfabeto hebraico. Também o livro de Lamentações e o último capítulo de Provérbios contêm acrósticos motivados no alfabeto. Embora o NT não contenha acrósticos, temos a tradição que a palavra grega ΙΧΘΥΣ (peixe) era uma acróstico cristão que continha uma crença da Igreja primitiva sobre Jesus: Ιησους Χριστος Θεου Υιος Σωτηρ (Jesus Cristo, Filho de Deus e Salvador).

19. WRIGHT, G.E. *The Theological Study of the Bible,* in "The Interpreter's One-Volume Commentary on te Bible", Abingdon Press, Nashville, 1971, 983.

da investigação teológica[20]. Afinal, a testemunha testifica do propósito eterno de um ser essencialmente atemporal junto a um povo que, paradoxalmente, caminha na história. Ação do Absoluto captada pelo autor através de fatos que viu e/ou ouviu. Fatos que revelam a providência oculta de um Deus que age.

Rodrigo P. Silva
Rua João Neiva, 218
Boa Vista
31050-400 Belo Horizonte – MG

20. HASEL, Gerhard F. *Old Testament Theology: Basic Issues in Current Debate*, W.B. Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, 1974, 75.